PORTUGUÊS

Lima Barreto
José de Alencar
Augusto dos Anjos
Machado de Assis
Cruz e Souza
Pero Vaz de Caminha
Luis de Camões
Castro Alves
Cláudio Manoel da Costa
Bento Teixeira

VIRTUALBOOKS

Apoio:

Patrocínio:

Realização:

Lilite
Jules Lemaitre

Lilite
Jules Lemaitre

Deitada num leito de púrpura, a princesa Lilite, filha do rei Herodes, achava-se imersa em graves pensamentos, enquanto a negra Noun agitava sobre o seu rosto um leque de plumas e o gato Astarote dormia aos seus pés.
A princesa tinha quinze anos. Seus olhos eram profundos como uma água de cisterna e sua boca semelhante a uma flor de hibisco.
Pensava em sua mãe, a rainha Mariana, que morrera quando Lilite era ainda muito pequena. Por isto ignorava que seu pai a matara por ciúmes, porém sabia que ele conservava, em um quarto secreto, o corpo da rainha embalsamado com mel e aromas, e que a chorava ainda.
Pensava em seu pai, tão atrabiliário e sempre enfermo. As vezes via-o encerrar-se em sua alcova, onde soltava gritos de pavor. É que lhe parecia rever aqueles que mandara matar: seu cunhado Costobar, sua mulher Mariana, seus filhos Aristóbulo e Alexandre, irmãos de Lilite, sua sogra Alexandra,

seu filho Antí
pater, o doutor da Lei Bababem-Buta e tantos outros.
E, ainda que Lilite ignorasse estes fatos, seu pai inspirava-lhe terror.

Pensava no Messias esperado pelos judeus, do qual lhe tinha muitas vezes falado sua ama Egla, já falecida, e, embora devesse o Messias, segundo lhe constava, reinar em lugar de Herodes, ela dizia consigo que havia de vê-lo, e a certeza desse acontecimento maravilhoso desviava-a de imaginar como poderia ele verificar-se.

Pensava, enfim, no pequeno Hozael, filho de sua irmã de leite Zebuda, residente em Belém. Hozael era um menino de um ano, que tinha um sorriso cândido e já começava a falar. A princesa amava-o ternamente e, quase todos os dias, fazendo atrelar a carruagem de cedro, ia com a negra Noun visitá-lo.

Lilite pensava em tudo isto e via quão isolada se achava no mundo, só encontrando um pouco de alegria nos momentos que passava perto do pequeno Hozael.

Lilite saiu para o jardim, a fim de passear sob os grandes sicômoros. Aí encontrou o velho Zabulão, que fora outrora capitão dos guardas do rei. Herodes havia substituído sua guarda judaica por soldados romanos, mas, tendo confiança no velho Zabulão, encarregara-o de vigiar a parte do palácio que a princesa Lilite habitava. Zabulão, doentio havia alguns anos, aquecia-se ao sol em um banco de pedra. A idade o tinha curvado tanto que a sua longa barba se dobrava de encontro aos

joelhos.

- Estás triste, Zabulão?
- É que eu soube por um centurião que o rei deu ordem de matar amanhã, a partir da aurora, todos os meninos de Belém que tenham menos de dois anos.
- Oh! exclamou Lilite. Por quê?
- Os reis magos anunciaram que o Messias havia nascido, mas não há sinal por que possa ser reconhecido e os reis magos não vieram dizer se o acharam. Matando todos os meninos de Belém, o rei está certo de que o Messias não escapará.
- Realmente, disse Lilite, isso foi bem imaginado.
E após um momento de reflexão:
- Será que poderei vê-lo?
- Quem?
- O Messias.
- Para vê-lo seria preciso saber onde ele está, e, se o soubesse, o rei não teria necessidade de matar todos os meninos da vila.
- É exato, respondeu Lilite.
E acrescentou em voz baixa, como que temendo as suas próprias palavras:
- Meu pai é muito mau.
Repentinamente indagou:
- E o pequeno Hozael?
- Morrerá como os demais, pois os soldados revistarão todas as casas.
- Todavia estou convencida de que Hozael não é o

Messias. Como querem que ele seja o Messias, se é o filho de minha irmã de leite?
- Intercedei por ele junto a vosso pai, sugeriu Zabulão.
- Não me atrevo, disse Lilite.
E prosseguiu:
- Irei, com Noun, buscar eu mesma o pequeno Hozael, e escondê-lo-ei no meu quarto. Ali estará a salvo, porquanto o rei quase nunca vai lá.

**

Lilite mandou pôr os cavalos na carruagem de cedro, foi a Belém com Noun, entrou em casa de sua irmã de leite, Zebuda, e disse-lhe:
— Há muito tempo que não vejo Hozael. Desejo levá-lo para o meu palácio e conservá-lo comigo um dia e uma noite. A criança está desmamada e já não precisa dos teus cuidados. Vou dar-lhe uma túnica de jacinto e um colar de pérolas.
E não contou a Zebuda o que tinha sabido através de Zabulão, pois tremia só de pronunciar o nome de seu pai. Todavia, notou que do semblante de Zebuda se irradiava uma alegria poucas vezes observada.
- Por que estás tão contente?
Zebuda hesitou um momento e disse:
- Estou contente, princesa Lilite, porque amais meu filho.
- E onde está teu marido?
Zebuda hesitou ainda e respondeu:
- Foi reunir o rebanho na montanha.
Após ordenar a Noun que escondesse debaixo de

suas vestes o pequeno Hozael, Lilite voltou ao seu palácio com a boa escrava, na hora em que o sol lançava sobre Jerusalém os seus últimos raios.

**

Chegando ao seu quarto, Lilite pôs sentado nos seus joelhos o pequeno Hozael, que ria e tentava agarrar os longos brincos da princesinha.
Foi quando Noun, que na sala próxima preparava um alimento para o petiz, acudiu exclamando:
- O rei! Vem aí o rei!
Lilite mal teve tempo de esconder Hozael no fundo de uma grande cesta e de cobri-lo com um montão de trapos.
O rei Herodes entrou a passos pesados, o dorso arqueado, os olhos sangüíneos, a face terrosa, sacudindo sobre o peito colares e placas de ouro. Seu queixo estava de tal maneira agitado que fazia estremecer toda a barba entrelaçada.
Perguntou a Lilite:
- De onde vens?
Ela respondeu:
- De Jericó.
E levantou para o rei os olhos tranqüilos.
- Oh! Como se lhe assemelha! murmurou Herodes.
Nesse momento partiu da cesta um pequeno grito.
- Queres calar-te? disse Lilite ao gato Astarote, que dormia sobre o tapete.
Em seguida disse ao rei:
- Pareceis aflito, meu pai. Quereis que eu vos cante

uma canção?
E, tomando a cítara, entoou uma canção sobre as rosas.
O rei murmurou:
- Oh! Esta voz!
E afastou-se, como que apavorado, porque os olhares e a canção de Lilite o tinham feito recordar a voz e os olhos da rainha Mariana.

Pouco depois a princesa foi ao jardim e viu o velho
Zabulão chorando.

- Por que choras, velho Zabulão? perguntou-lhe.

- Vós o sabeis, princesa Lilite. Choro porque o rei quer matar o Messias.

- Mas, replicou Lilite, se esse menino fosse realmente o Messias, os homens não teriam bastante poder para matá-lo.

- Deus quer que alguém o ajude, respondeu Zabulão. Princesa, vós que sois boa e compassiva, deveis prevenir os pais dessa criança.

- Mas onde os encontrarei?

- Interrogai os habitantes de Belém.

- Mas devo eu salvar aquele que expulsará minha gente deste palácio, aquele que me tornará talvez um dia uma pobre encarcerada ou uma mendiga das ruas?

- Esses tempos estão distantes, disse Zabulão, e o Messias é ainda muito tenro, mais fraquinho que o pequeno Hozael. Depois, o Messias terá bastante poder para reinar sem fazer mal a ninguém. E, se algum dia tiverdes uma filha, princesa Lilite, o Messias, quando for grande,

poderá pedi-la em casamento.

- E tens plena certeza de que ele é o Messias? perguntou Lilite.

- Tenho, disse Zabulão, pois nasceu em Belém na época marcada pelos profetas, e os reis magos viram a sua estrela.

- Ele deve ser belo, embora pequenino, não achas, Zabulão?

- Está escrito que ele será o mais belo dos filhos dos homens.

- Irei vê-lo, disse Lilite.

**

Anoitecendo, Lilite envolveu-se toda em véus negros. Suas pulseiras de ouro, seus colares e suas pedras preciosas reluziam, através desses véus, tão suavemente como as estrelas do céu, e assim Lilite era a imagem da própria noite, de que trazia o nome, pois "Lilite", em língua hebraica, significa "Noite".

Saiu secretamente do palácio com a escrava Noun e ia pensando pelo caminho:

- Eu não quereria que o Messias arrebatasse a coroa a meu pai, pois me seria rigoroso não mais habitar um belo palácio e não mais possuir belos tapetes, lindos vestidos, jóias e perfumes. Mas também não quero que se mate esse pequenino recém-nascido. O melhor é dizer a meu pai que descobri o seu abrigo; e, em recompensa desse serviço, pedir-lhe-ei que poupe esse menino e o guarde em seu

palácio. Assim ele não poderá prejudicar-nos e, se é verdadeiramente o Messias, até nos associará ao seu poder.
Lilite encontrou Zebuda em oração com seu marido Metuel, parecendo ambos possuídos de grande júbilo.
Então, a princesa serviu-se de um ardil:
- Hozael vai bem, disse ela, e tenciono devolvê-lo amanhã. Mas, já que sabeis onde está o Messias, conduzi-me à sua presença, pois vim com o fim de adorá-lo.
Metuel, que era um homem simples e pouco inclinado a presumir o mal, respondeu:
- Conduzir-vos-ei, princesa Lilite.

**

Quando chegaram ao lugar onde se achava o menino, Lilite encheu-se de espanto. Ela esperava alguma coisa de extraordinário e magnífico, sem imaginar bem o quê, e via apenas uma choupana encostada ao rochedo, e, dentro dessa choupana, um jumento, um boi, um homem que parecia um artífice, uma mulher do povo, bela sem dúvida, mas descorada e débil e pobremente vestida, e, na manjedoura, sobre palha, um menino que no primeiro momento lhe pareceu igual a muitos outros.
Contudo, tendo-se aproximado, viu os seus olhos e,

nesses olhos, um olhar que não era de uma criança, uma doçura infinita e sobre-humana, e verificou que o estábulo só estava iluminado pela luz que emanava do menino.
Dirigiu-se à jovem mãe:
- Como vos chamais?
- Maria.
- E vosso filho?
- Jesus.
- Parece ser muito manso.
- As vezes chora, mas não grita nunca.
- Quereis permitir-me que lhe dê um beijo?
- Sim, senhora, respondeu Maria.
Lilite inclinou-se e beijou Jesus na testa. Em seguida perguntou:
- Então, este menino é o Messias?
- Vós o dissestes, senhora.
- E ele será o rei dos judeus?
- Foi para isso que Deus o enviou.
- Mas então ele fará a guerra, matará muitos homens e destronará o rei Herodes ou o seu sucessor?
- Não, respondeu Maria, pois o seu reino não é deste mundo. Ele não terá guardas nem soldados; não possuirá palácios nem tesouros; não arrecadará tributos e viverá como o mais pobre dos pescadores do lago de Genesaré; será o servidor dos humildes e dos pequenos; curará as enfermidades e consolará os aflitos; ensinará a verdade e a justiça; e é sobre os corações e não sobre os corpos que ele reinará. Sofrerá para nos apontar a recompensa do sofrimento; será o rei do amor, pois amará os homens e, àqueles que se acham atormentados por

violentas paixões, dir-lhes-á como o seu pobre coração achará contentamento e alegria. Terá inesgotáveis misericórdias para todos os que, mesmo culpados, tiverem conservado esse dom de amar e essa virtude de sentir-se irmãos dos outros homens e de nunca se preferir a eles. E, sem dúvida, ele possuirá um trono . . .

- Ah! Enfim o confesssais, interrompeu Lilite resistindo ainda.

- . . . Mas, retomou Maria, esse trono será uma cruz. É sobre uma cruz que ele morrerá para expiar os pecados dos homens e a fim de que Deus, pai, lhes tenha piedade.

Lilite escutava com assombro. Lentamente volveu a cabeça para a manjedoura e notou que o menino olhava para ela. Dominada pela meiguice dos seus olhos profundos, deixou-se cair de joelhos, murmurando:

- Ninguém me havia dito essas coisas.

E adorou a Jesus.

Noun, a boa negra, também ajoelhada, chorava copiosamente.

- Sei, disse Lilite, erguendo-se, que o rei Herodes está procurando o menino para mandar matá-lo. Tomai o jumento (eu o pagarei ao seu dono) e fugi!

**

Pelos estreitos caminhos que serpeavam entre as

colinas arredondadas, Jesus e sua mãe, José, Lilite, a escrava e o asno chegaram à planície.
- Deixar-vos-ei aqui, disse a moça. Sou a princesa Lilite, filha do rei Herodes. Lembrai-vos sempre de mim.
E, enquanto Maria, montada no jumento que José guiava, e prendendo Jesus em seus braços, se afastava pelo caminho da direita, Lilite seguia com os olhos, no meio da noite, a auréola que ornava a divina cabeça do menino.
No momento exato em que a pálida luz misteriosa desaparecia por trás de um bosque de sicômoros, eis que surge na estrada oposta, com o tropel de cem cavalos cujas ferraduras despedem centelhas, o batalhão de soldados romanos marchando com destino a Belém . . .

FIM